

# **Discutindo Vulnerabilidade do Lugar: Riscos e Perigos em Bairros de Campinas (SP)\***

**Fernanda Cristina de Paula\***  
**Daniel Joseph Hogan♦**

Palavras-chave: vulnerabilidade do lugar; riscos e perigos; bairros-Campinas.

## **Resumo**

Mediante discussão da vulnerabilidade do lugar – discussão essa que contribui para uma compreensão das consequências de determinados padrões de ocupação do espaço urbano – , realizamos pesquisas em três bairros de Campinas: Ponte Preta, São Bernardo e DICs. Diversas abordagens e metodologias vêm sendo desenvolvidas para a mensuração da vulnerabilidade; dentro destas propostas, a **distribuição espacial da população** aparece tanto na estrutura teórico-metodológica (o espaço surgindo como um dos fatores de vulnerabilidade) quanto na forma de sistematização/organização da população vulnerável (através da representação espacial de grupos vulneráveis). Atentando à relevância da dimensão espacial na questão da vulnerabilidade da população, a discussão da vulnerabilidade do lugar realiza sua contribuição ao debate geral ao destacar: 1) o lugar enquanto contexto onde estão presentes e/ou ocorrem riscos e perigos; e 2) o lugar como centro da vida cotidiana, onde ocorre a lida com os riscos e perigos e a partir do qual os grupos constróem sua própria consciência de vulnerabilidade. Desenvolvendo estes pontos, o estudo dos bairros se concentra na concretude dos riscos, perigos e vulnerabilidade vividas pelas pessoas. Esta abordagem abre a possibilidade de observar fatores que só se revelam no estudo em pequena escala, tais como o peso das associações comunitárias, de redes de solidariedade, da convivência com fontes de riscos, sentimento de insegurança, territorializações que norteiam a percepção de vulnerabilidade da população e suas estratégias frente a riscos e perigos. Mediante a operacionalização da categoria lugar através de trabalhos de campo e da sistematização e análise das informações através da confecção de mapas, apresentamos a discussão da vulnerabilidade do lugar em bairros de Campinas.

---

\* Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Popacionais, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.

♦ Mestranda em Geografia, Instituto de Geociências/Unicamp. E-mail: fernanda.paula@ige.unicamp.br

♦ Pesquisador do Núcleo de Estudos da População/Unicamp. E-mail: hogan@nepo.unicamp.br

# **Discutindo Vulnerabilidade do Lugar: Riscos e Perigos em Bairros de Campinas (SP)<sup>\*</sup>**

**Fernanda Cristina de Paula<sup>\*</sup>**  
**Daniel Joseph Hogan<sup>♦</sup>**

## **1. Introdução**

Nos estudos populacionais, a dimensão espacial tem recebido relevância para a compreensão das dinâmicas demográficas. Jaqueline Beaujeu-Garnier, no livro *Geografia da População*, expõe os liames da interação entre a população e o espaço. Ao longo do livro, a autora explicita tanto como a especificidade do espaço pode orientar padrões de distribuição de grupos populacionais quanto como as características destes grupos podem conformar novas configurações ao espaço. (BEAUJEU-GARNIER, 1971) A relevância da dimensão espacial também está presente nos estudos sobre vulnerabilidade sociodemográfica. Nesta busca de delimitar que grupos populacionais são passíveis a sofrer danos frente à realização de perigos, os estudos sobre segregação socioespacial<sup>1</sup> e sobre a relação população-ambiente<sup>2</sup> têm explorado a pertinência da dimensão espacial para pensar os riscos associados a diferentes parcelas da população.

O objetivo deste trabalho é ampliar as perspectivas integradoras (das relações entre sociedade e ambiente) que a dimensão espacial possui para abordar a vulnerabilidade<sup>3</sup> dos indivíduos. A ampliação da perspectiva está no uso do lugar enquanto categoria analítica de estudo. Apreender a vulnerabilidade através da categoria lugar é retomar que **riscos e perigos estão sempre inseridos em um contexto espacial** (que implica em certos padrões do uso do espaço, especificidades de relações população-ambiente). Ressaltando que este contexto espacial pode orientar a percepção dos riscos e perigos, a própria consciência de vulnerabilidade e os modos de lidar com ela.

Apresentamos aqui alguns resultados da pesquisa que realizamos durante 2007<sup>4</sup>, inserida no âmbito do projeto maior “Dinâmica Intrametropolitana e Vulnerabilidade Sociodemográfica nas Metrópoles do Interior Paulista: Campinas e Santos” (articulado pelo NEPO/Unicamp). Enquanto o projeto maior vem desenvolvendo estudos de macro-processos que norteiam a vulnerabilidade nestas regiões metropolitanas e modos de mensurar esta vulnerabilidade, a pesquisa que realizamos (de menor fôlego) procurou explorar a vulnerabilidade sob a perspectiva da categoria lugar.

Entendendo lugar como o espaço vivenciado cotidianamente pelas pessoas, a reflexão sobre a vulnerabilidade procura acercar os riscos e perigos presentes no ambiente urbano, resgatando o próprio entendimento que as pessoas têm destes. As questões orientadoras deste estudo são da ordem de: que riscos e perigos estão presentes no espaço em que as pessoas vivem? Como elas lidam diariamente com eles? Qual a consciência/compreensão que as pessoas têm de sua

<sup>\*</sup> Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Popacionais, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.

<sup>♦</sup> Mestranda em Geografia, Instituto de Geociências/Unicamp. E-mail: fernanda.paula@ige.unicamp.br

<sup>♦</sup> Pesquisador do Núcleo de Estudos da População/Unicamp. E-mail: hogan@nepo.unicamp.br

<sup>1</sup> Ver por exemplo: Sabatini e Sierralta (2006); Flores (2006).

<sup>2</sup> Sobre a relação população-ambiente ver: Marandola e Hogan (2004); Hogan (2005).

<sup>3</sup> Apesar da multiplicidade de abordagens sob o qual o conceito de vulnerabilidade é visado, entendemos este aqui como o grau de suscetibilidade de pessoas, grupos ou lugares de sofrer consequências danosas com a concretização de riscos (probabilidade de ocorrência de perigos). Para aprofundamento dos conceitos de vulnerabilidade, riscos e perigos ver: Hewitt, 1997; Hogan e Marandola Jr., 2005.

<sup>4</sup> Projeto de Iniciação Científica “Riscos e perigos na metrópole: a vulnerabilidade do lugar em bairros de Campinas”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado São Paulo.

própria vulnerabilidade? Vulnerabilidade à quais perigos? Ao discutir vulnerabilidade do lugar, procuramos trazer à pauta das discussões da interface população-ambiente os modos específicos de vivenciar o espaço e suas possíveis contribuições.

Neste trabalho, discutimos vulnerabilidade do lugar mediante três bairros de Campinas: Ponte Preta, São Bernardo e DICs (Distritos Industriais de Campinas). Para tanto, apresentamos um pequeno resgate teórico sobre vulnerabilidade do lugar para, em seguida, discutir esta abordagem junto aos três bairros.

### **1.1 Embasamento teórico: vulnerabilidade do lugar e o estudo dos bairros**

Dentre categorias analíticas que expressam extensão areal (região, território e espaço), o lugar é apreendida como a de menor abrangência. J. N. Entrikin, ao realizar uma discussão epistemológica sobre o lugar na Geografia, coloca: “The geographical concept of place refers to the areal context of events, objects and actions. It is a context that includes natural elements and human constructions, both material and ideal” (ENTRIKIN, 1991, p 6). A partir deste ponto, o autor atenta para uma dualidade que conforma o conceito: o que ele chama de “qualidades naturalísticas” e “qualidades existenciais” do lugar.

As primeiras dizem respeito ao lugar enquanto contexto material onde os eventos ocorrem. É destacado, neste entendimento do lugar, a singularidade de sua configuração espacial (por exemplo, geomorfologia, climatologia, padrão de ocupação humana, ambiente construído) e os processos (sociais, econômicos, culturais) ali presentes. Neste sentido, eventos que ali ocorrem são norteados pela lógica singular de cada lugar, dada a especificidade das relações entre o espaço e a dinâmica que se realiza junto a ele.

Na medida em que os lugares variam, também variam riscos e perigos estando, neste ponto, certa emergência geográfica do conceito de vulnerabilidade. Kenneth Hewitt, na obra *Regions of risk: a geographical introduction of disasters*, aponta para esta importância do espaço no entendimento da vulnerabilidade das pessoas:

No place or group is entirely safe, but the forms and severity of risk vary markedly among different areas and groups of people, between different part of the world, and even within any local community. As a part of this each of the forms and sources of vulnerability has a geography presence, a mix and a severity that vary from place to place (HEWITT, 1997, p. 164)

Um avanço na abordagem da vulnerabilidade ainda não incorporado seria atentar àquilo que Entrikin (1991) chamou de “qualidades existenciais” do lugar. Há, nesta consideração, a atenção à resignificação da categoria lugar realizada pela corrente de pensamento da Geografia Humanista. Yi-Fu Tuan (um dos expoentes desta abordagem) discutindo espaço e lugar sob a perspectiva da experiência coloca que:

Place, however, has more substance than the word location suggests: it is a unique entity, a “special ensemble”; it has a history and meaning. Place incarnates the experiences and aspirations to a people. Place is not only a fact to be explained in the broader frame of space, but it also a reality to be clarified and understood from the perspectives of the people who have given it meaning. (TUAN, 1979, p. 387)

Assim, a categoria lugar, além de se reportar às considerações sobre a localização da fonte de risco, a proximidade de pessoas a esta, o nível de exposição ao perigo (HEWITT, 1997) também se reporta a como riscos e perigos são internalizados na vida das pessoas que ali vivem. Questiona, deste modo, a percepção do risco, o julgamento dos indivíduos sobre a extensão de possíveis danos e as tomadas de decisão para mitigá-los, por exemplo.

Ao elevar o lugar à categoria analítica de nossa pesquisa, propomos investigar a vulnerabilidade do lugar. Retomando que:

To understand place requires that we have access to both an objective and a subjective reality. From the decentered vantage point of the theoretical scientist, place becomes either location or a set of generic relations and thereby loses much of its significance for human action. From the centered viewpoint of the subject, place has meaning only in relation to an individual's or a group's goals and concerns. Place is best viewed from points in between. (ENTRIKIN, 1991, p. 5)

Para a realização dos estudos dos bairros e de seus lugares, buscando compreendê-los como contexto das ações humanas e eventos e resgatando a visão dos moradores sobre seu próprio lugar, nos esteamos em uma metodologia geográfico-humanista de inspiração fenomenológica. Esta abordagem prevê a realização de trabalhos de campo que visam, sobretudo, um conhecimento do espaço e da relação do homem com este (DE PAULA, MARANDOLA JR. e HOGAN, 2005). Os trabalhos de campo, enquanto meio de conhecer o lugar e as pessoas que o vivem (que o entendem e o constroem) são a principal base (fonte de informações) sobre a qual a pesquisa se apoia.

Retomando as considerações de Hewitt (1997) de que formas e fontes de vulnerabilidade tem uma presença geográfica, de que riscos e perigos variam em acordo com o contexto espacial, é interessante atentar que o bairro expressa unidades dentro da cidade. Unidade geralmente aprendida como dotada de homogeneidade socioespacial, a cada bairro corresponderia um contexto espacial (à variação de bairro podendo existir uma variação dos riscos, perigos e vulnerabilidade).

E dentro da cidade, o bairro é o centro da experiência urbana, pois, nele está a residência dos indivíduos, é o local onde se permanece e, assim, é espaço que o indivíduo conhece, experencia. O bairro (no contexto urbano) é a porção do espaço passível de se tornar lugar. Por isso (admitindo especificidade geográfica de cada bairro e seu estamento como lugar) o bairro surge como recorte espacial neste trabalho.

Para estudá-lo, é preciso atentar para o sentido do bairro na vida dos cidadãos. O bairro, além de lugar, é o espaço onde se desenvolve a territorialidade necessária à vida urbana. E atentar para esta territorialidade auxilia tanto na compreensão das dinâmicas do bairro quanto no modo como riscos e perigos são contextualizados. A discussão do bairro enquanto território vivido<sup>5</sup> promove uma visibilidade maior das qualidades existenciais do lugar.

Hermes Ferraz, na sua coletânea *Filosofia Urbana*, traz interessantes considerações sobre a cidade. Ao falar sobre as funções urbanas, o autor discorre sobre a função morar, sobre o papel da casa e suas relações com o bairro residencial, afirma que:

[...] a noção de habitar não se esgota nas condições internas da habitação; ela se estende para além dos limites do lote, para abranger as outras casas residenciais e o conjunto das atividades necessárias para o funcionamento do lar: abastecimento, educação dos filhos, lazer, repouso e facilidade de acesso aos locais de trabalho. (FERRAZ, 1997, p. 288)

O autor conclui, portanto, que o ambiente externo à unidade residencial (qual seja, o bairro residencial) é tão importante quanto a própria casa na vida urbana. A formação do território vivido está em consonância com este sentido de ambiente externo, do qual o indivíduo depende. E território tem relação íntima com o estabelecimento de lugar: a necessidade (inalienável) de territorialização pode implicar na relação mais estreita entre o indivíduo e o espaço (que expressada por um conhecimento experiencial) torna o espaço em lugar.

<sup>5</sup> Território é geralmente entendido como uma porção delimitada de espaço, da qual um grupo depende para a manutenção diária da vida e sobre a qual exerce poder (explícito ou não). Quando este movimento de territorialização tem sua base no lugar (no espaço conhecido, vivenciado pelo indivíduo), usamos o binômio território-vivido. (HOLZER, 1997; DE PAULA e MARANDOLA JR., 2007)

Os movimentos diários que se dão no bairro, pelas ruas fundam uma territorialidade não só individual, mas também coletiva; pois, ao mesmo tempo em que se vê e se reconhece os outros, também se é visto e reconhecido. (RIBEIRO, 2006) O espaço apropriado não é só de um indivíduo, mas também daqueles que ele vê cotidianamente, que ele reconhece. Esta apropriação coletiva do espaço propicia o surgimento de identidades territoriais (através de práticas coletivas sobre este espaço, de discurso interno sobre ele) e esteia a intervenção dos moradores sobre o lugar. (LE BOSSÉ, 2004)

Portanto, ao trazer o bairro como recorte espacial para apreender riscos e perigos na metrópole, lidamos com a base de ações urbanas dos cidadãos, o território vivido. Riscos e perigos nos bairros afetam diretamente a vida dos indivíduos.

Assim, ao identificar e caracterizar estes territórios (que conformam o bairro), esperamos apreender como os indivíduos lidam com os riscos e perigos na cidade. Para tanto, é necessário dar visibilidade aos modos como este território se organiza, aos locais onde se dão os perigos, locais que tenham a presença do risco, dar representatividade espacial a elementos que norteiem a experiência que se tem no lugar-bairro.

Assim, procedemos neste estudo identificando os diferentes territórios vividos dentro dos bairros, caracterizando sua organicidade, mapeando-os e explorando questões possíveis sobre riscos, perigos e vulnerabilidade.

## **2. Os bairros-lugares: Ponte Preta, São Bernardo e DICs**

A escolha dos bairros (Figura 1) estudados é fundada, sobretudo, na representatividade sociocultural destes dentro da cidade. A Ponte Preta (próxima ao centro de Campinas) é visada nesta pesquisa principalmente por ser um bairro já consolidado, tendo surgido junto com a urbanização que conformou a cidade. Enquanto bairro consolidado, a Ponte Preta recebe pouca atenção no que concerne a questões representativas da vulnerabilidade (muitas vezes em sintonia com as idéias de pobreza, de uma condição socioeconômica fragilizada) em contraponto a bairros com precária infra-estrutura urbana. A quais riscos os indivíduos estão expostos ou que perigos se realizam em um bairro cuja urbanização está finda, teoricamente estabilizada?

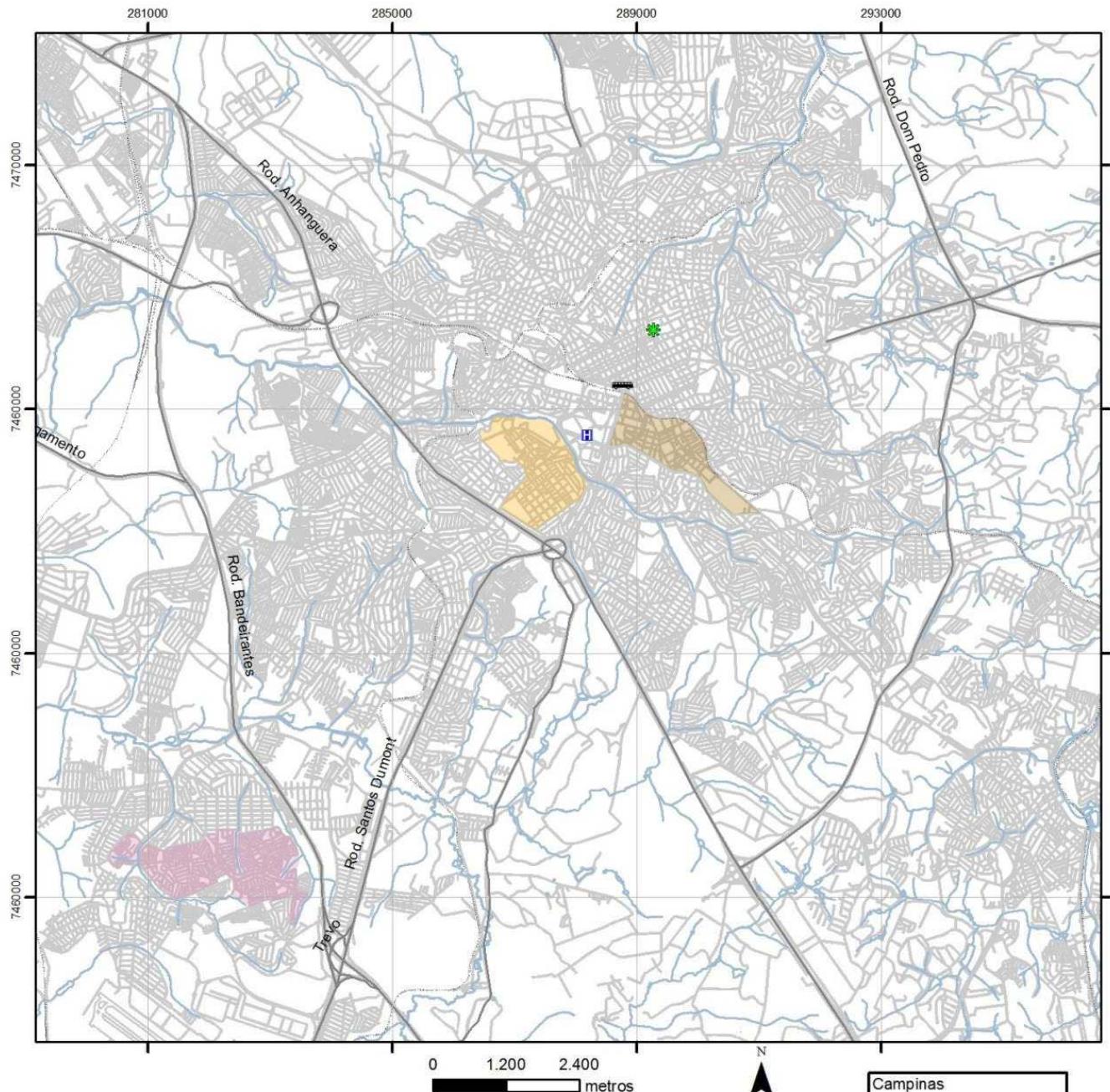
O bairro São Bernardo, embora também consolidado, é representante da primeira periferia da cidade (já se discute o estabelecimento de uma terceira periferia de Campinas) e sua configuração territorial atual é marcada pela presença de diferentes classes sociais no mesmo bairro. É uma situação urbana mais complexa, sobre a qual o modelo periferia pobre *versus* centro rico já vem perdendo o sentido. Deste modo, já é possível entrever mais claramente uma ruptura na unidade que a idéia de bairro congrega e, junto desta, a possibilidade de diferentes vulnerabilidades.

Os DICs, compostos por conjuntos habitacionais populares, vêm se consolidando desde o final da década de 1970 e representam, dentro do imaginário campineiro, a periferia com população de baixa renda, situada demasiado distante do centro da cidade. Diferentemente dos dois outros bairros, os DICs são muito mais recentes na história campineira e, em um primeiro momento, carregam uma quadro de questões mais amplas no que concerne à vulnerabilidade, como, por exemplo, áreas de infra-estrutura urbana mais precárias, a presença de loteamentos advindos de invasões (recentemente legalizados) e outros.

Seguimos, então, com discussões sobre cada bairro, identificando e caracterizando seus territórios vividos e questões de riscos, perigos e vulnerabilidade que surgiram durante os trabalhos de campo.

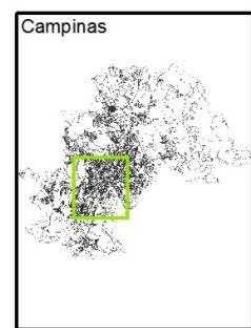
**Figura 1**

## Mapa de Localização dos Bairros



### Legenda

arruamento	Hospital Municipal Mário Gatti
ferrovias	Prefeitura Municipal de Campinas
rodovias	Terminal Central
rios	São Bernardo Ponte Preta DICs



Base cartográfica: Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S. A.  
(Emplasa), 2003

South American Datum 1969, UTM 23S  
Projeção Tranversal de Mercator

Elaboração: DE PAULA, F. C.

## **2.1 Ponte Preta**

Dentre os bairros estudados, é onde foi identificado a maior diversidade de territórios vividos (Figura 2). O que pode sugerir certa fragmentação do bairro e menores possibilidades de redes de solidariedade que se estendam por todo ele (e que possibilitessem ações para dirimir possíveis vulnerabilidades). As denominações dos territórios obedecem a características que os diferenciam.

### *Desgarrados*

É um território com relação mais tênue com o restante do bairro. Uma moradora deste não tem certeza se onde mora é bairro Ponte Preta ou Vila Industrial (pois, suas correspondências chegam com ambas as denominações de bairro); embora moradores do centro da Ponte Preta não titubeiem em apontar esta área como pertencente ao bairro.

Este território é muito próximo do centro da cidade; leva menos de dez minutos a caminhada até este. Embora a av. Gen. Carneiro possa servir como centro de serviços aos moradores deste território, a av. João Jorge e o centro da cidade também atraem os moradores. Quem mora ali pouco recorre ao centro da Ponte Preta. Pouco utilizam da infra-estrutura urbana do restante do bairro (como as poucas praças, as igrejas, as lojas) além de pouco conviverem com as áreas topofóbicas do bairro (território Oscar Leite e Cemitério da Saudade).

A dispersão da mobilidade dos moradores desta área pode minimizar o estabelecimento de laços comunitários. O fato de menor permanência no espaço do bairro aliado às poucas residências familiares (com concentração dos moradores em condomínios de edifícios) poderia explicar a ausência de freqüentadores nas duas praças deste território

### *Tranquilos*

O território é caracterizado pela presença de casas mais recentes (década de 1970/80) e um condomínio de edifícios do início desta década, sem a presença de edificações de meados do século passado. Neste território há, também, poucas pessoas pelas ruas E, embora próximo do território Desgarrado, há uma integração maior com o restante do bairro. Nesta área, a declividade do terreno aumenta gradativamente, em direção ao fundo de vale ao sul, do Córrego Piçarrão. Algumas residências apresentam arquitetura característica (garagens no nível da rua e casas acima deste nível) para terrenos com alta declividade, uma das vantagens desta adaptação é o resguardo da casa contra possíveis enxurradas (que corem em direção ao Córrego Piçarrão).

### *Entre Avenidas*

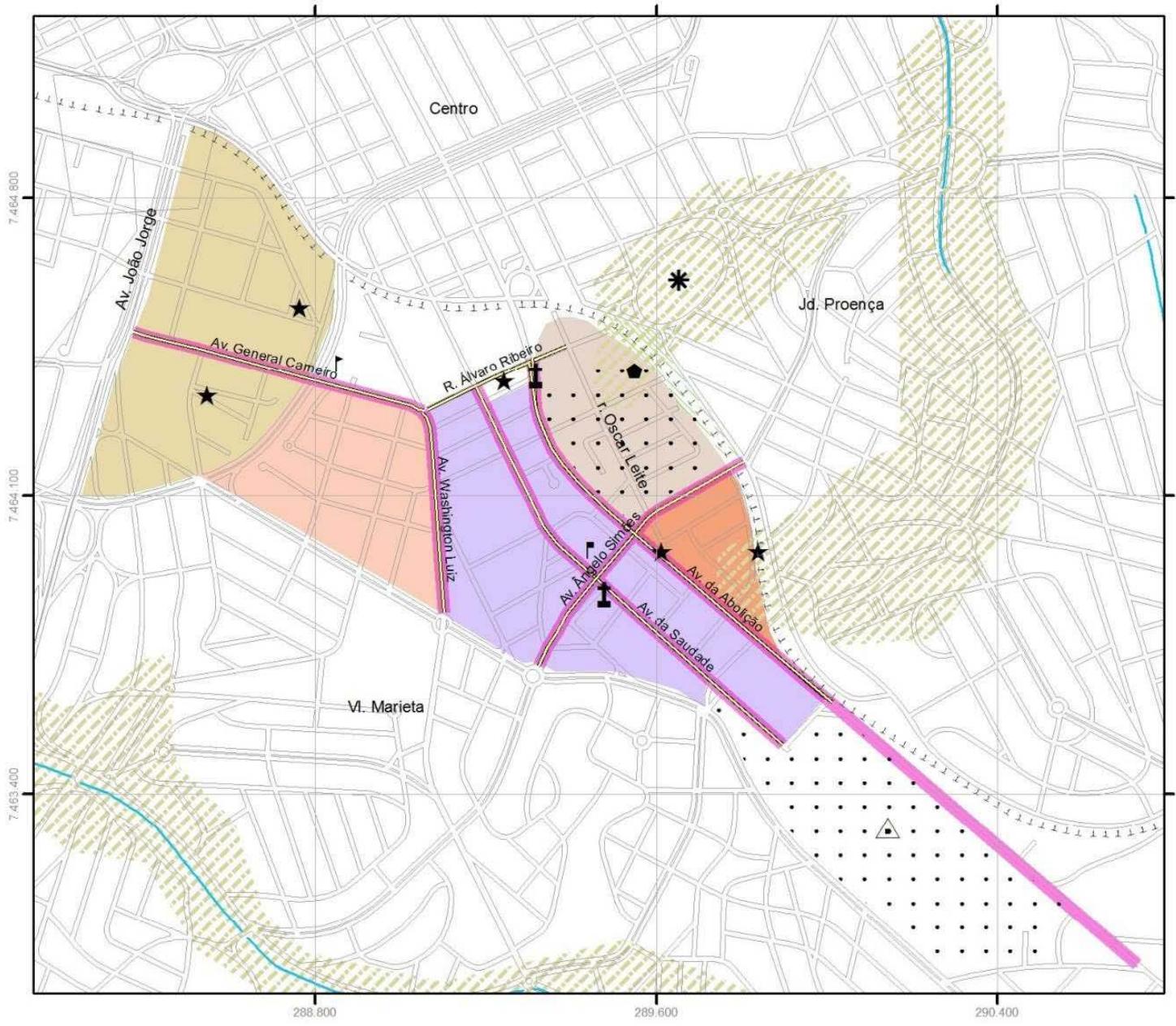
São os territórios caracterizados pela proximidade com as avenidas que concentram serviços e fluxos de veículos e pessoas. Quem mora nestes territórios tem os benefícios da proximidade com estas avenidas (e os serviços que estas oferecem), mas se beneficiam de certa tranquilidade em comparação com aqueles que moram em casas que se situam nas avenidas propriamente ditas (Território Avenidas). Vivem longe (ambientalmente) do frenesi das avenidas embora estejam (fisicamente) perto destas. A freqüência de pessoas nas ruas também é pequena, embora maior do que no território Desgarrados, por exemplo.

### *Oscar Leite*

Neste território do bairro se encontra não só crianças nas ruas, mas também moças sentadas no portão em frente as suas casas, conversando, garotos andando pela rua com roupas modestas e chinelos nos pés, portas das casas abertas, sons das televisões e rádios das residências se espalhando pela rua. Muito diferente das ruas esvaziadas dos outros territórios ou da movimentação das avenidas de passagem.

**Figura 2**

## Ponte Preta



### Legenda

- arruamento
- concentracão de serviços
- + ferrovias
- ~ rios
- \* estadio
- igreja católica
- ★ praça
- escola privada
- △ escola pública

- campo de várzea
- ▲ cemitério
- ◆ área topofóbica (para os de fora)
- ▨ fundo de vale
- ▨ matagal

### territórios vividos

- |                  |   |
|------------------|---|
| ■ Avenidas       | <br>0 70 140 |
| ▨ Desgarrados    |   |
| ▨ Entre Avenidas |   |
| ▨ Oscar Leite    |   |
| ▨ Tranquilos     |   |
| ▨ Ângelo Simões  |   |

Há neste território uma co-incidência espacial, pois, o único território onde as ruas são apropriadas pelos moradores é também o único território que apresenta paisagem (embora não totalmente) de degradação: casas abandonadas, casas antigas necessitando de reforma, lixo nas ruas, calçadas descuidadas, pouco movimento de carros, asfalto esburacado. A aérea de lazer não-institucional (campo de futebol de várzea) atesta laços comunitários entre os moradores da área.

A r. Oscar Leite é uma ladeira de paralelepípedo, com declividade acentuada. As áreas de maior degradação co-incidem com o local de menor altimetria. Embora não há um curso d'água ali, dinâmicas de fundo de vale perduram: a água pluvial escoa em direção a esta área. Neste território, na medida que aumenta a altimetria do terreno, as casas apresentam melhor aspecto. A oeste da r. Oscar Leite (que colocamos como limite deste território), há condomínios de edifícios, com quadras e piscinas próprios.

Outro ponto a ser destacado é que esta área é topofóbica para o restante dos moradores da Ponte Preta. Apontam-no como local onde ocorre tráfico de drogas, onde residem traficantes; local tido como perigoso, principalmente à noite.

### *Ângelo Simões*

Das áreas junto ao trilho, a r. Ângelo Simões surge como limite, separando diferentes paisagens. No território que denominamos com o nome desta rua, persiste certo ambiente de tranquilidade, pois, somado ao esvaziamento das ruas está a arborização destas. As casas são relativamente novas, anos 80 e 90.

Ao lado dos trilhos, onde geralmente (quando não há casas) predomina o mato, os moradores improvisaram uma pequena praça, sob árvores, com banquinhos de madeira e um parquinho (um tanto abandonado).

### *Avenidas*

A principal característica desta territorialização, é que ela se realiza compulsoriamente nas vias de passagens, pois os indivíduos ali residem. Um senhor que possui *kitnet* na Abolição e morou por tempo considerável nesta, apontou que morar ali é ter de conviver com barulho constante do trânsito, fumaça de automotores, poeira, cinzas.

O editor do jornal do bairro, conta sobre as duas senhoras que moram em um casarão na Av. da Abolição, com um ponto de ônibus junto à janela da casa delas: além do barulho constante, das cinzas e fumaça que impregnam a casa, as senhoras sofrem com as pessoas que à noite, esperam o ônibus e se põe a bater nas suas janelas, gritar ou consumir entorpecentes. Há edifícios residenciais nestas avenidas, mas seus moradores, de uma maneira ou de outra, estão mais afastados de problemas advindos do alto movimento das vias.

Viver nas avenidas é ter o cotidiano diretamente influenciado pelo fluxo das pessoas e veículos, conviver com o frenesi que caracteriza locais que se configuram centro.

Nelas estão presentes os maiores (ou possíveis) fatores de confluência dos indivíduos, tanto para os moradores do bairro quanto para os de fora: a escola pública na av. Gen. Carneiro, a escola particular na av. Ângelo Simões, a praça pequena e não frequentada na av. da Abolição; o Cemitério da Saudade, a Igreja Santo Antônio e a Capela de São Francisco de Assis (que são referências para moradores de toda cidade) e a mais recente Praça das Águas (que, inicialmente era pouco utilizada e, mesmo, criticada pelos moradores, pois, sua arquitetura oferecia pouco conforto), onde, aos finais de semana, é realizada uma feira. O Cemitério da Saudade também é identificado como área topofóbica, moradores comentam que o Cemitério é ponto de tráfico de drogas.

## **2.1a Aproximações: Riscos e Vulnerabilidade na Ponte Preta**

Embora cada morador tenha relação maior com o território em que vive, o restante do bairro, a proximidade com outras áreas e a apreensão de que nelas estão presentes riscos e perigos influenciam sua vivência urbana.

Um fator importante a ser considerado após a análise do mapa, é a identificação do território Oscar Leite como área topofóbica por aqueles que não vivem nele. A presença deste território no bairro, faz com que os moradores da Ponte Preta se sintam vulneráveis a riscos e perigos de violência urbana. No entanto, territórios pouco integrados ao bairro (como os desgarrados), dado que se reportam a outras áreas da cidade (como o Centro ou a av. João Jorge) para a manutenção diária da vida, guardam um sentimento mais tênue de vulnerabilidade em relação aos riscos e perigos associados ao território da Oscar Leite.

A abstenção de vivência das ruas (que expressa um menor envolvimento com o lugar) parece um modo de se resguardar de riscos relativos à violência urbana, por exemplo. Neste sentido, moradores de edifícios e condomínios de edifícios parecem se beneficiar desta “estratégia”. Aqueles que moram em edifícios nas avenidas de grande tráfego, podem ser menos vulneráveis à poluição, poeira, fumaça advindos destas e se resguardam contra possíveis perturbações, mantendo os benefícios de morar em área central do bairro.

A maioria dos territórios do bairro chamam a atenção pelo esvaziamento das ruas, o que, de muitas formas, pode depor certa insegurança em relação a estes espaços públicos, menor envolvimento com o lugar. Por outro lado, é justamente na área tida como topofóbica (território Oscar Leite) que as pessoas se apropriam de forma mais expressiva das ruas, conversam entre vizinhos, sentam às calçadas. Este território apresenta várias co-incidências no mapa: é o único território topofóbico; é aquele onde os indivíduos estão sujeitos a riscos oriundos de dinâmicas de fundo de vale; é, também, a área que apresenta paisagem mais degrada. Esse conhecimento do outro, dos vizinhos expressam laços comunitários, que podem auxiliar no enfrentamento de riscos. Se os moradores desta área parecem os mais vulneráveis a riscos ambientais, é necessário levar em conta também que podem ser os mais aptos a lidar coletivamente com eles.

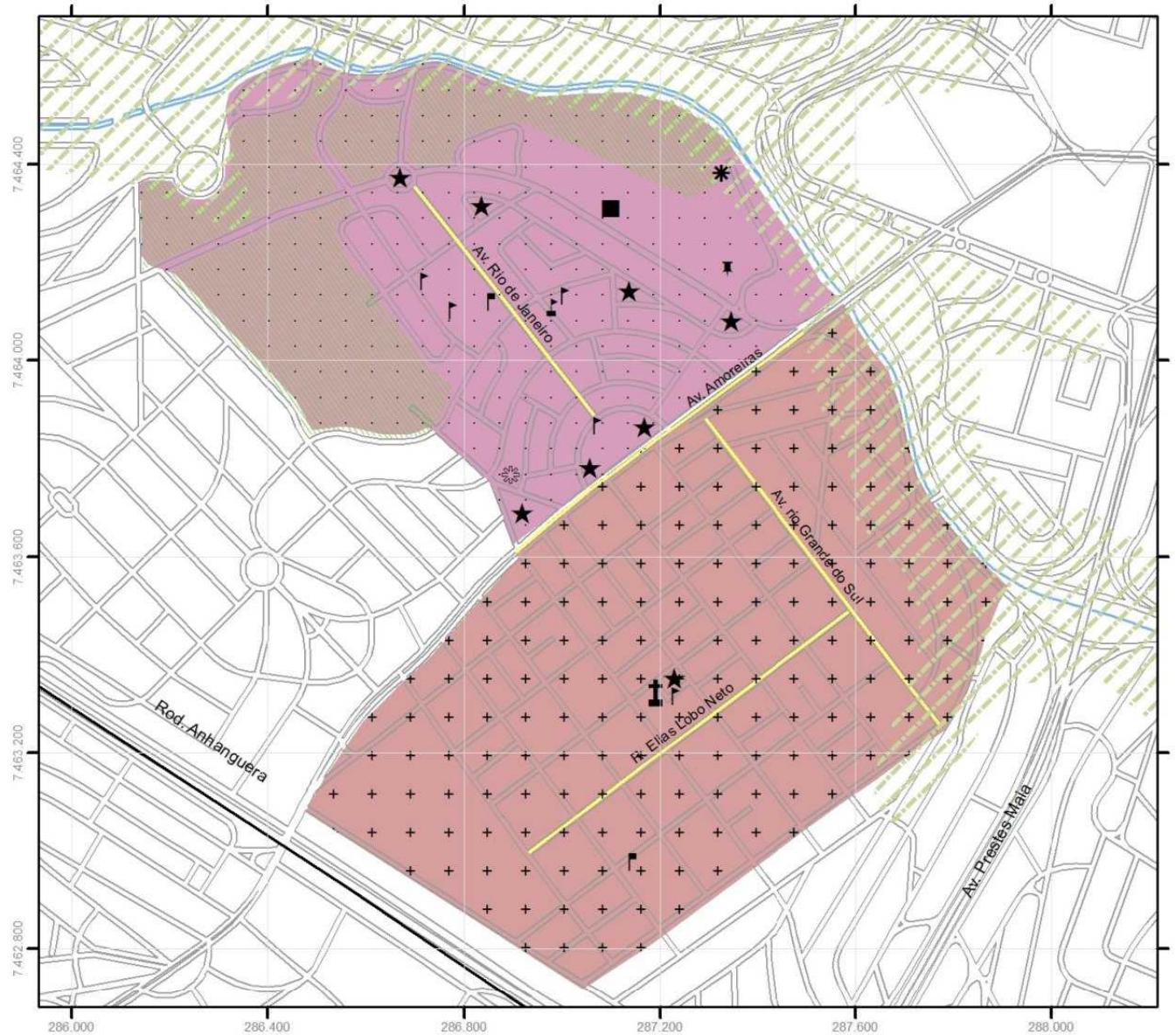
No mapeamento do bairro, merece destaque a ausência de Centro de Saúde. Em conversas com moradores, a única pessoa que mencionou esta ausência e expressou certa vulnerabilidade no que tange a saúde, foi uma moradora do território Oscar Leite. Ela comenta que a resposta dada a esta ausência é o fato do bairro já ser consolidado e, assim, de que não há espaço para a construção de um Centro de Saúde. Mas, ela ressalta: que deve fazer se um dia passar mal? Ela não possui carro, teria de andar a pé até o hospital mais próximo (o Hospital Municipal Mário Gatti)? A mesma moradora comenta, também, sobre a ausência de creche, sobre a necessidade de se deslocar com os netos desde área da Oscar Leite, até a Av. João Jorge, onde há uma creche. Sensação de risco está associada a este deslocamento por vias de grande tráfego, para levar as crianças até a creche, dado que na proximidade (que ela consideraria satisfatória) de seu território não há o atendimento a esta demanda.

## **2. 2 São Bernardo**

A diferenciação territorial do bairro São Bernardo é tão expressiva que o bairro é cindido em dois, na própria vivência e fala dos moradores: Alto São Bernardo (ASB) e baixo São Bernardo (BSB), como eles denominam (Figura 3). A diferença entre estas duas porções do bairro são constantemente reafirmadas pelos moradores.

O ASB é oriundo de loteamento e venda de terrenos, enquanto o BSB foi originado de um programa de habitação popular da década de 1960. Um morador do BSB aponta que os moradores do ASB, quando querem vender seus imóveis, anunciam no jornal que o imóvel

**Figura 3**  
**São Bernardo**



**Legenda**

- arruamento
- rodovias
- rios
- concentração de serviços
- fundo de vale
- matagal
- área topofóbica (para os de dentro)
- área topofóbica (para os de fora)

- clínica particular
- creche pública
- escola particular
- escola pública
- centro de esportes
- \* clube
- † igreja católica
- ★ praça
- ▼ penitenciária

**territórios vividos**

- Alto São Bernardo
- Baixo São Bernardo



0 110 220 metros

está situado na ”área nobre do bairro São Bernardo”. Moradores do ASB vêem a outra parte do bairro como espaço de violência urbana.

#### *Alto São Bernardo*

As casas deste território são de padrão médio, médio-alto. Há, também, a presença de edifícios residenciais. Nas vias de concentração de serviços, estão presentes padarias, botecos, pequenos mercados. E, distribuído pelo território, há estabelecimentos que oferecem serviços mais sofisticados, como: academias de ginástica, clínicas veterinárias, restaurantes. Existe apenas uma praça neste território, esta é bastante frequentada durante a semana, recebe manutenção constante, possui bancos, árvores, jardins, parquinhos e banco de areia para as crianças. Nas tardes de finais de semana, a presença de pessoas é ainda maior: casais de namorados, pais com crianças, ponto de encontro de grupos de adolescentes. A igreja católica junto à praça, também é local de socialização. Nas manhãs de domingos, às missas, carros ficam estacionados por toda volta da igreja e pessoas, geralmente mais idosas, andam em grupos pelo bairro para ir à igreja.

Existe, também apenas uma escola pública neste território, voltada apenas para as séries da 5<sup>a</sup> em diante. Uma quantidade considerável dos alunos desta escola não moram no bairro; nos horários de entrada e saída das escolas, ônibus tanto provenientes do centro quanto do sul e sudoeste da cidade são lotados por alunos desta escola e também das escolas públicas do BSB. No que tange a educação, há também uma unidade de uma reconhecida rede de colégios particulares no bairro.

Um dado importante sobre o São Bernardo é a proximidade com o Córrego Piçarrão. No ASB, as residências estão distantes do córrego; no entanto, as quebras de declividade associadas ao vale afetam algumas residências. Muitas destas possuem arquitetura característica de áreas com declividade acentuada e, em campo, foi observado a possibilidade de desmoronamento de uma casa, dada a erosão do solo (facilitada pela declividade do terreno).

Um fator que chama atenção na paisagem deste território é a presença constante de recursos de segurança para segurança nas casas: cercas elétricas, grades nas janelas, portas, muros altos. E também chama a atenção (principalmente em relação ao BSB) o esvaziamento das ruas, a socialização dificilmente é observada nas ruas, ela acontece somente no espaço destinado a esta: a praça. A topofobia é um dado deste território. Com os de dentro identificando tanto o BSB como origem de assaltantes ou traficantes de drogas, ou o Pq. Oziel (bairro oriundo de invasão de terras), que fica relativamente próximo ao São Bernardo.

#### *Baixo São Bernardo*

O BSB também tem como característica ser topofóbico, mas em sentido inverso do ASB: são os de fora que têm medo deste, enquanto quem ali mora, não expressa medo de viver neste território.

Os próprios moradores atentam que o BSB já foi pior, que realmente havia tráfico de drogas e banditismo em geral, mas que tudo melhorou muito, que hoje o bairro é “o paraíso”. Comentaram que a presença da Penitenciária contribuía para reforçar a idéia de um bairro perigoso, mas que agora está muito mais tranquilo com a Penitenciária tendo se tornado feminina (pois, “as mulheres são mais sossegadas”, disse um morador; o maior medo, antes, se dava quando havia fuga de presos).

Embora a presença de praças seja significativamente maior no BSB, estas são muito pouco frequentadas e a maioria recebe pouca manutenção. Os laços comunitários neste território são muito fortes, os moradores mais antigos se conhecem desde a época de implantação do programa habitacional, cresceram juntos. A socialização não se dá no espaço destinado a ela, apenas, se dá principalmente nas ruas: portões das casas abertos, crianças brincam nas ruas, as

pessoas se encontram e param pra conversar nas calçadas. As ruas não ficam vazias, como no ASB.

Os serviços, botecos, a feira nos sábados de manhã se concentram na av. Rio de Janeiro e ruas próximas. Não há aqui academias de ginástica, igreja católica, altos edifícios residenciais ou escolas particulares. E os moradores reclamam (diferente de quem vive no ASB) da ausência de Centro de Saúde, de não conseguir uma sala para a associação do bairro (que compreenderia só o BSB) e de que os serviços ou espaços de alguma relevância e que poderiam ajudar a comunidade do bairro, não estão voltados para eles. Como o Centro de Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM), que já fora escola de ensino de ensino do Magistério e possui uma estrutura ampla; o Centro Kennedy, escola particular que oferece cursos profissionalizantes (onde a comunidade pediu uma sala onde pudesse oferecer aulas de informática gratuitamente para jovens do bairro, aos finais de semana, e o pedido não foi atendido, conta um morador); o centro de esportes, que, diz um morador, tem as atividades voltadas mais para pessoas de fora do que para o bairro; a Associação dos Servidores Públicos. Os moradores comentam que há um acordo implícito, dado que todos se conhecem, ninguém prejudica o outro; mas, no caso das escolas pouco envolvidas com o bairro, conta um funcionário do CEFAM (que mora no BSB), “a molecada entra e rouba, mesmo”.

No fundo de vale não estão situadas residências, apenas a Delegacia, a Associação dos Servidores Públicos e a Penitenciária. Embora o Córrego Piçarrão tenha sido canalizado e há mais de décadas não haja enchente, estes estabelecimentos sofrem com o escoamento de água pluvial, notadamente o clube. O presidente deste conta que, quando chove em grande quantidade, vaza esgoto dos bueiros que ficam em uma área mais alta, a norte e noroeste do clube, e este escoa junto com a água pluvial pela área da Associação dos Servidores Públicos. O que prejudica a área, destinada ao lazer, lembra o presidente. Funcionários do clube também reclamam do odor que sobe do Piçarrão em dias de muito calor.

Nas imediações São Bernardo, o único local onde ainda há enchente é no limite oeste deste território. Não há residências do BSB ali, mas no bairro vizinho há casas precariamente construídas às margens do Piçarrão.

## **2.2a Aproximações: Riscos e Vulnerabilidade no São Bernardo**

Neste mapa, a oposição entre os dois tipos de áreas topofóbicas ganham destaque, dada a expressividade das identidades territoriais e de como os indivíduos apreendem os territórios em que não vivem (o ASB atestando que o BSB é fonte de riscos, por exemplo).

Novamente, há co-incidência espacial: a área topofóbica em relação aos de fora, é também a área sob riscos ambientais, relacionados à presença do matagal, à possibilidade de enchente no limite norte do bairro (embora não haja residências do BSB ali). Assim como no Oscar Leite, da Ponte Preta, o território topofóbico em relação aos de fora é que apresenta maior apropriação das ruas por parte dos moradores. É neste, também, sentida a ausência de Centro de Saúde do bairro enquanto os moradores do ASB não mencionam a questão (mesmo quando perguntado se há alguma insatisfação em relação ao bairro). Há certa mobilização política por parte dos moradores do BSB, na busca de cobrir carências deste território através da organização e institucionalização de uma associação de bairro (que não inclui o ASB, observaram).

Outro ponto a ser destacado é áurea de insegurança do ASB, no que tange a violência urbana; enquanto no BSB, mesmo admitindo a presença de pessoas que sejam assaltantes, por exemplo, os moradores atestam a satisfação em viver neste território e se sentem menos vulneráveis em relação à violência urbana, já que os laços comunitários garantem sua segurança.

## **2.3 DICs**

Embora seja um conjunto de unidades habitacionais, os DICs são integrados e possuem uma identidade territorial una, com suas divisões servindo muito mais para referenciar local dentro do bairro.

No entanto, é comum moradores dos DICs II, III, IV e V não estarem acostumados a ir à área dos DICs I e VI, e o contrário também ocorre. Foram verificados nos DICs dois territórios vividos (Figura 4).

### *DICs I, VI*

Um dos locais de confluência de moradores deste território é o bosque, construído na década 1980. Nele há parquinhos, pista de corrida, lagos com patos, um pequeno curso d'água, barras para fazer condicionamento físico, pista de corrida, bancos com mesas onde estão pintados tabuleiros para jogos. Alguns funcionários da prefeitura que trabalham neste e moram nas redondezas, contaram falar sobre o bosque na década de 1990. Disseram que antes, as pessoas achavam o bosque perigoso, pois, usuários de drogas e traficantes costumavam ficar ali: uma área topofóbica. Mas, os funcionários atentam que melhorou muito, que o aumento do policiamento, de uns anos pra cá coibiu as atividades ilícitas e os moradores voltaram a frequentar este espaço público. Realmente, foi observado quantidade considerável de freqüentadores do bosque: pais com filhos, praticantes de exercícios, grupos de jovens. Os freqüentadores cumprimentam-se, os funcionários conhecem a maioria das pessoas, sabe monde moram, contam histórias sobre um ou outro. Uma comunidade.

Outro espaço público neste território é o centro de esportes, no DIC VI, que inclui além das quadras, uma piscina. Programas esportivos e culturais são desenvolvidos, voltados para os moradores dos DICs. O bosque e o centro esportivo são os únicos espaços públicos institucionais neste território. Afora estes, outros espaços de lazer foram construídos pelos moradores: quadras de cimento e campos de futebol de várzea ocupam locais antes “ociosos”, geralmente, às margens dos cursos d'água. Neste sentido, contam também os pequenos jardins, feitos à beira do córrego ao sul do bosque, que tem direção norte-sul; alguns dos jardins possuem cercas de madeira, outros são abertos, possuem bancos e mesas improvisados com tábuas, a maioria dos jardins possui árvores frondosas.

Um morador contou que os cursos d'água nunca apresentaram problemas, que a prefeitura sempre mexeu neles. No entanto, conta que, há mais de décadas atrás, uma pequena represa de uma fábrica um tanto distante arrebentou e, dizem, a água que transbordou carregou até um cavalo – mas ele, que mora nas primeiras residências construídas, nunca vira nenhuma enchente.

Cabe atentar que a única parte do curso d'água que apresenta mal-cheiro é aquele sob a rua Jorge P. Mendonça.

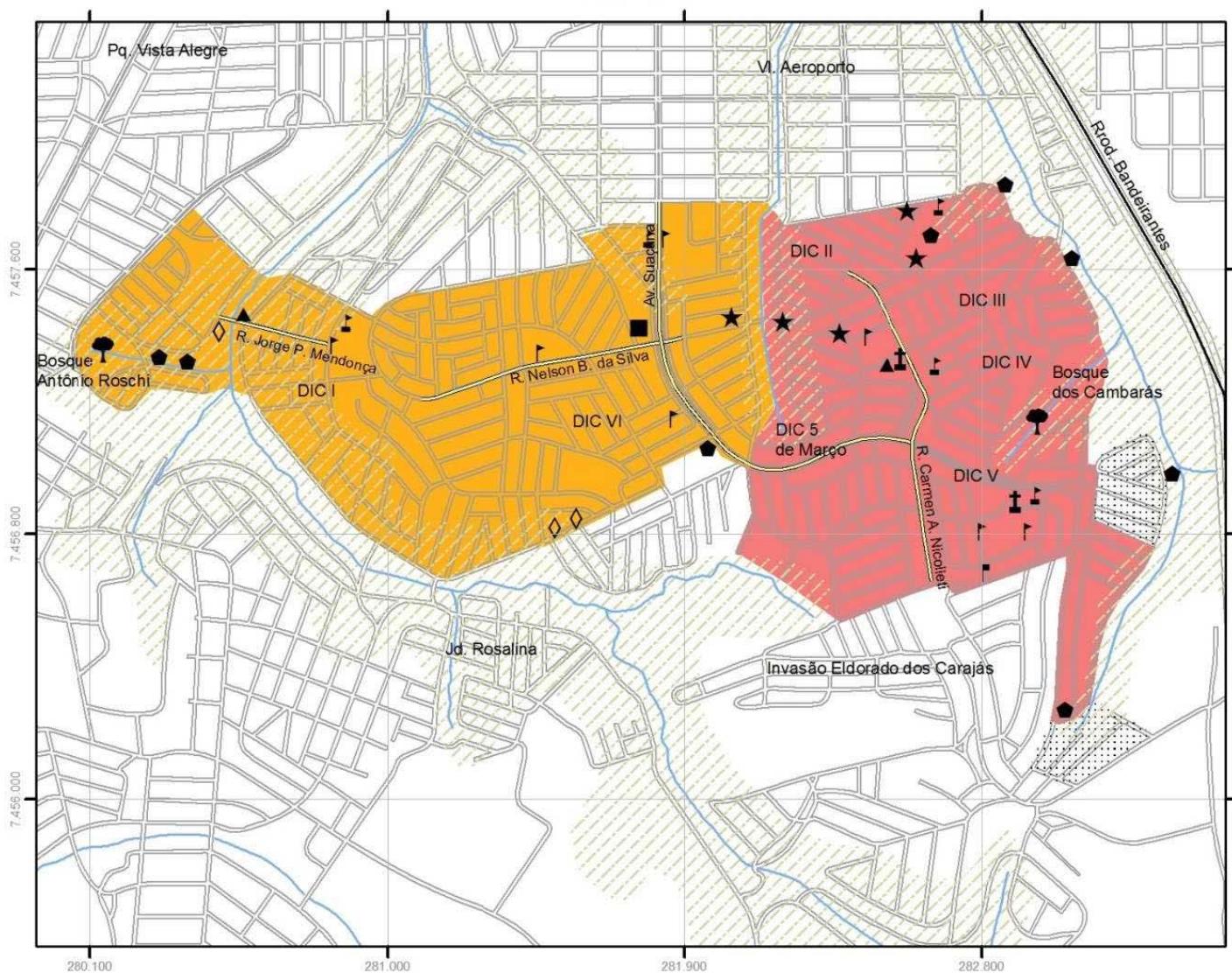
Para suprir necessidades do dia-a-dia, os moradores recorrem às ruas Jorge P. Mendonça e Nelson B. da Silva, que concentram serviços como mercados, padarias, botecos, pequenas lojas, o Centro de Saúde. Fluxo de veículos e pessoas se concentram nestas ruas.

Outra via que exerce centralidade é a av. Suaçuna, atraindo moradores de ambos os territórios. Aos finais de semana, à noite, jovens se encontram, frequentam lanchonetes, bares. Nesta avenida, nas proximidades do terminal de ônibus urbano que atende a região, há agências bancárias, o correio, além de outras lojas e serviços, há também o Hortoshopping, junto ao terminal de ônibus.

Quando enfatizam a melhora do bairro, chama sempre atenção para a presença destes serviços na av. Suaçuna.

**Figura 4**

## DICs



### Legenda

- arruamento
- ~~~~ rios
- rodovias
- concentração de comércio
- fundo de vale
- área topofóbica (para os de fora)
- bosque
- campo de várzea
- centro esportivo
- ‡ igreja católica

- ★ praça
  - ◊ quadra de esportes
  - ▲ centro de saúde
  - creche pública
  - escola particular (ens. infantil)
  - escola pública
- territórios vividos**
- DICs I, IV
  - DICs II, III, IV, V e 5 de Março



0 185 370  
metros

## *DICs II, III, IV, V e 5 de Março*

Em contraponto ao outro território, este chama atenção pela presença de um número razoável de praças. No entanto, poucas recebem manutenção constante e são assiduamente frequentadas; entre estas, as duas praças do DIC III.

Apesar da presença de praças, os espaços “ociosos” nas várzeas também foram transformados em campos de futebol. Alguns deles com pequenas praças associadas, para que se possa assistir aos jogos.

Nesta área também há um bosque. Embora mais recente do que o bosque no DIC I (o Bosque dos Cambarás foi inaugurado em 1993), também foi área topofóbica. Como no outro caso, o aumento no policiamento inibiu atividades ilícitas. O bosque é bastante frequentado.

Enquanto o outro território não apresenta nenhuma igreja católica, este apresenta duas. Dentre as atividades das igrejas, as de maior destaque no bairro são as festas juninas e julina que estas promovem. Se antes estas festas ocorriam apenas em um tarde ou noite, há mais de uma década, as paróquias organizam seqüências de festas nas noites de Sábado e Domingo durante todo o mês, sendo bastante conhecidas e recebendo grande público.

Assim como as escolas do outro território, nestas se estabelecem amizades entre as crianças e adolescentes que repercutem pelas ruas dos DICs. Embora os alunos morem um tanto distante uns dos outros, companheiros de escolas costumam se encontrar e andar em grupos pelo bairro. sobre escolas, chama a atenção a pequena escola de educação infantil particular, que funciona há mais de uma década (há também oura escola particular, de ensino infantil no Jd. Aeroporto, que tem alunos dos DICs).

A av. Carmen A. Niccoleti concentra serviços, tem grande fluxo de veículo, dá acesso ao Centro de Saúde. A av. Suaçuna, na área em que corta o DIC 5 de Março exercia centralidade apenas para este DIC, não sendo asfaltada nesta parte, era menos utilizada pelas pessoas de outros DICs. No entanto, esta parte da avenida, foi asfaltada neste semestre, o que aumentou o fluxo de veículos e pessoas e, consequentemente, a integração da área ao restante do bairro. O restante do DIC 5 de Março (último dos DICs construídos que, face à demora no término das casas, fora invadido em um 5 de Março, no final da década de 1990) também está sendo preparado para ser asfaltado; e, com as guias de calçadas já construídas e as ruas cobertas com pedregulhos (processos que antecedem o asfaltamento), os veículos começaram a transitar com maior freqüência entre este DIC e as ruas de asfalto dos outros.

Sobre o asfaltamento da av. Suaçuna, é interessante o fato narrado por uma funcionária do Centro de Saúde. Esta conta que a família de uma paciente (adolescente, com deficiência mental), que mora no DIC 5 de Março, permitia que esta ia ao Centro de Saúde sozinha, e ela freqüentava constantemente este. No entanto, com o asfaltamento da avenida, a família não permite mais que ela ande desacompanhada, com o aumento do trânsito, eles têm medo que ela seja atropelada.

E o curso d’água e seu fundo de vale presente no DIC 5 de Março e que, seguindo no sentido sul-norte, é tomado como limite entre os DICs VI e III (e, consequentemente, limite dos territórios vividos). É o fundo de vale que apresenta maior degradação; há um processo de voçoroca nas margens do curso d’água e entulhos são jogados neste e no matagal a sua volta. Foi identificada uma área topofóbica para os moradores dos DICs, embora esta não pertença ao bairro. A Invasão Uruarana é recente, data do início desta década. A maioria das casas é de tijolos, sem reboco ou pintura (embora haja uma ou duas casas com dois pisos, totalmente terminadas, com sacadas, destoando do restante da invasão), possuía ruas de terra, com sulcos no terreno, oriundos do escoamento de água pluvial para o vale. Para os moradores que moram no DIC IV, perto do fundo de vale, e que vêm do centro da cidade no ônibus que percorre a Rod. Santos Dumont, fica mais fácil descer no Distrito Industrial e atravessar a área da Uruarana. No entanto, à noite, as pessoas costumam evitar esta prática: têm medo de assaltos e estupros.

Um morador do DIC IV diz que o bairro é uma maravilha, que a única coisa que o estraga são as invasões ao redor deste. Ele diz que, por exemplo, costumam matar pessoas nas invasões e jogar o corpo nos DICs, para que a ocorrência seja marcada neste bairro e para evitar a ida da polícia até à invasão.

### **2.3a Aproximações: Riscos e Vulnerabilidade nos DICs**

Se fosse mapeado como os bairros são vistos pelo restante da cidade, todo os DICs deveriam aparecer como área topofóbica para os de fora. Em contraposição a sua imagem de periferia marcada por uma condição generalizada de vulnerabilidade, os trabalhos de campo e mapeamento do bairro revelaram moradores satisfeitos com o bairro, com uma infra-estrutura urbana (áreas de lazer, serviços de saúde, escolas, comércio, transporte) que pouco recebe reclamações.

E, se fosse mapeado em relação à cidade, novamente se repetiria a tríade: área topofóbica para os de fora e sentimento de segurança para os de dentro. As ruas são espaços de vivência, a identidade territorial é expressa nas modificações da paisagem realizadas pelos moradores.

E, novamente, o território topofóbico (pelos de fora) dentro do bairro coincide com a área mas degradada, com a localização junto ao fundo de vale. Ter a vivência norteada pela proximidade destas áreas orienta medidas contra riscos de violência urbana. Embora só tinhamos mapeado uma área topofóbica junto aos DICs, é possível que as outras invasões (com suas ruas de terra, ausência de iluminação pública, por exemplo) surjam como outras áreas topofóbicas para os moradores do bairro.

## **4. Considerações finais: do lugar à vulnerabilidade**

Do levantamento dos trabalhos de campo para este estudo, tiveram destaque dois fatores de medo ou insatisfação em relação à vivência urbana, os quais expressam consciência de risco e vulnerabilidade dos indivíduos. Embora possam ser apreendidos sob outras abordagens (econômicas, políticas), colocamos a discussão destes a partir dos territórios vividos, pois entendendo o bairro como base da manutenção diária da vida, os riscos presentes nestes podem afetar diretamente a experiência urbana.

Um destes fatores de medo/insatisfação é a precariedade da infra-estrutura urbana. Periferias (áreas distantes do centro da cidade, morada de grupos com baixo poder aquisitivo) recebem destaque nesta questão, pois, é mormente o caso clássico de uma segmentação socioespacial caracterizada pela infra-estrutura pouco satisfatória, tal como coloca Cunha et al. (2006, p. 146):

De qualquer forma, o fato é que a segmentação socioespacial é bastante visível na maioria das aglomerações urbanas brasileiras. Além disso, sabe-se que a “periferia”, desprovida de serviços, amenidades e até mesmo de espaços adequados de sociabilidade, ainda continua sendo “reservada” aos mais pobres. [...] estes vivenciam um verdadeiro “isolamento social”, a partir de dois elementos, além, é claro, da própria segregação: a precariedade e instabilidade do mercado de trabalho e a segmentação dos serviços, ou seja, a existência de carências espacialmente diferenciadas relativas aos vários serviços oferecidos à população.

A imagem veiculada dos DICs, na cidade, é de um bairro carente, periferia pobre. A carência em relação a espaços públicos, a escolas ou Centros de Saúde surgiram nos bairros próximos ao centro da cidade, e não no bairro que é comumente apreendido como periférico. Se o “isolamento social” pode ser verdadeiro para os moradores dos DICs, a coesão interna, as redes de solidariedade são fatores que ajudaram os moradores no enfrentamento de precariedades no início do bairro e na mobilização para promover o melhoramento destas infra-estruturas, ou mesmo, construí-las.

No entanto, mesmo que falte, por exemplo, Centro de Saúde em um bairro, o sentimento de ausência pode se concentrar em áreas específicas (como no caso da Ponte Preta, em que a ausência de uma unidade básica de saúde foi expressada por moradores do território Oscar Leite). Deste ponto se origina a importância do território vivido: se a precariedade da infra-estrutura surge como risco e fator de vulnerabilidade, é porque os indivíduos têm grande dependência deste território. Se há a possibilidade de se locomover facilmente pela cidade, de utilizar uma infra-estrutura de outro local (ou seja, estender a territorialidade para outras áreas da cidade), a força desta deficiência é menor. Em todo caso, pouco depender deste território é pouco desenvolver o sentimento de lugar, pouco apropriar o espaço, pouco conviver com o risco.

O outro fator de medo/insatisfação na vida urbana que teve destaque nos trabalhos de campo é a violência. Medo de assaltos, medo de tráfego de drogas, medo dos danos físicos, materiais que estas atividades podem gerar. Em todos os bairros, as conversas com os moradores ajudaram a identificar áreas entendidas como perigosas, lugares que são evitados, local de onde derivam indivíduos perigosos, para os moradores de fora destes territórios topofóbicos. O esvaziamento das ruas, tal como observado em alguns territórios da Ponte Preta e no ASB, pode expressar a convivência com o sentimento de risco, oriundo da violência urbana. Lúcio Kowarick, no artigo *Viver em risco: sobre a vulnerabilidade no Brasil urbano*, discute a autodefesa e a segregação socioespacial como adaptação à convivência com a áurea de risco. O autor coloca:

O lema é evitar o diferente, pois, a mistura social é vivenciada como confusão, desarmonia ou desordem. [...] Trata-se de uma sociabilidade enclausurada e defensiva, alicerçada no retraimento da vida privada – a *casa* –, que rejeita as esferas públicas – a *rua* –, tida como espaço da adversidade por excelência, o espaço social do anonimato, do imponderável e imprevisível, local portanto do perigo e da violência... (KOWARICK, 2002, p. 23)

Se abster de ocupar as ruas como espaço de sociabilidade, evitar o contato com o outro, são formas de dirimir a vulnerabilidade e territórios próximos a áreas consideradas como topofóbicas apresentam estas características. No entanto, são nos territórios topofóbicos que a identidade territorial parece mais expressiva: os moradores se conhecem, apropriam o espaço das ruas como extensão do lar, constroem campos de futebol de várzea, atestam a carência de infra-estrutura urbana, revelam laços comunitários. Ao ter seu território concentrado no bairro (ao contrário da possibilidade de estender sua territorialização para outras áreas da cidade), convivem com toda potencialidade de riscos e perigos do bairro (geralmente, como observado nos mapas, os moradores destes territórios topofóbicos por parte dos de fora são os mais vulneráveis ambientalmente, pois se localizam junto ao fundo de vale, junto ao matagal). Porém, o envolvimento maior com o espaço e com os outros moradores (que também têm a vida condicionada pelo espaço do bairro), pode promover uma rede de solidariedade, que serviria como recurso frente a riscos e diminuição da vulnerabilidade.

Diante deste quadro, acreditamos que as qualidades da territorialização dos indivíduos interfiram na relevância dos riscos que pode haver na vida urbana. Mapear a localização destes, a proximidade dos moradores com os riscos, auxilia a dar concretude (ou maior visibilidade) aos riscos; contextualiza estes no espaço. E tanto importa esta contextualização se atentarmos que:

[...] o arranjo físico das coisas é um agente ativo na realização de determinadas ações sociais, e essa ordem espacial é concebida como uma condição para que essas ações se produzam. Isso quer dizer que as práticas sociais são, em certa medida, dependentes de uma dada distribuição ou arrumação do espaço. (GOMES, 2006, p. 172)

Associada à importância do contexto espacial, a partir deste trabalho, acreditamos que para compreender a vulnerabilidade na vida urbana (a capacidade de enfrentar os riscos ou diminuir a potencialidade de danos negativos oriundos de perigos) é necessário atentar aos movimentos de territorialização. Em outras palavras, compreender como os indivíduos estão relacionados com o arranjo específico do espaço/lugar (como o apropriad, constroem e dependem dele) para, a partir deste ponto, construir novos questionamentos concernentes à relação população-ambiente e à questão da vulnerabilidade.

## Referências

- BEAUJEU-GARNIER, J. **Geografia da população**. (trad. Leônidas G. Carvalho). São Paulo: Nacional/Usp, 1971. 437p.
- CUNHA, J. M. P.; JAKOB, A. A. E.; HOGAN, D. J. e CARMO, R. L. A vulnerabilidade social no contexto metropolitano: o caso de Campinas. In: CUNHA, J. M. P. (org.) **Novas metrópoles paulistas**: população, vulnerabilidade e segregação. Campinas: NEPO/Unicamp, 2006. pp. 143-168.
- DE PAULA, F. C.; MARANDOLA JR., E.. e HOGAN, D.. J. Em busca do Homem no Espaço: o trabalho de campo na Geografia Humanista. In: SEMINÁRIO TEMÁTICO DO NORTE DO PARANÁ, 1, 2005, Londrina. **Anais...** Londrina: AGB, 2005. [CD-ROM]
- DE PAULA, F. e MARANDOLA JR., E. Entre o bairro e o lugar: experiência urbana nos DICs, Campinas. In: II Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos de Espaço e Representações “Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações”, 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: NEER, 2007. 18p. [CD-ROM]
- ENTRIKIN, J. N. **The betweenness of place**: towards a geography of Modernity. Baltimore: The Johns Hopkins, 1991. 196p.
- FERRAZ, H. **Filosofia urbana**. São Paulo: João Scorceti, 1997. 354 p. (Tomo II)
- FLORES, C. Consequências da segregação residencial: teoria e métodos. In: CUNHA, J. M. P. (org.) **Novas metrópoles paulistas**: população, vulnerabilidade e segregação. Campinas: NEPO/Unicamp, 2006. pp.197-230.
- GOMES, P. C. C.. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 304p.
- HEIJMANS, A. From vulnerability to empowerment. In: BANKOFF, G.; FRERKS, G. e HILHORST, D. (orgs). **Mapping vulnerability**: disasters, development and people. Londres: Earthscan, 2004. pp. 115-127.
- HEWITT, K. **Regions of risk: a geographical introduction to disasters**. Harlow: Longman, 1997. 389p.
- HOGAN, D. J. e MARANDOLA JR., E. Towards an interdisciplinary conceptualisation of vulnerability. **Population, Space and Place**, n. 11, p. 455-471, 2005
- HOGAN, D. J. Mobilidade populacional, sustentabilidade ambiental e vulnerabilidade social. **Revista Brasileira de Estudos Popacionais**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 323-338, jul./dez. 2005.
- HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Território**, Rio de Janeiro, ano II, nº 3, p. 77-85, jul./dez. 1997.
- KOWARICK, L. Viver em risco: sobre a vulnerabilidade no Brasil urbano. **Novos Estudos**, n° 63, pp. 9-30, jul. 2002.

LE BOSSÉ, M.. As questões de identidade em Geografia Cultural - algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDALH, Z. (orgs.) **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p.157-179.

MARANDOLA JR., E. e HOGAN, D. J. Vulnerabilidades e riscos: entre Geografia e Demografia. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 14, 2004, Caxambu. **Anais...** Campinas: ABEP, 2004d. 24. [CD-ROM]. Disponível em: <<http://www.abep.org.br>>.

RIBEIRO, C. R. V. **Espaço vivo:** as variáveis de um espaço-vivo investigadas na cidade de Diamantina, do ponto de vista dos músicos. 2006. 287p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SABATINI, F. e SIERRALTA, C. Medição da segregação residencial: meandros teórico e metodológicos e especificidade latino-americana. In: CUNHA, J. M. P. (org.) **Novas metrópoles paulistas:** população, vulnerabilidade e segregação. Campinas: NEPO/Unicamp, 2006. pp.169-196.

TUAN, Y. Space and place: humanistic perspective. In: GALE, S. e OLSSON, G. (orgs.) **Philosophy in geography**. Dordrecht/Boston/London: D. Reiel Publishing Co., 1979. p. 387-428.